

ABERTURA OU REDEMOCRATIZAÇÃO?

Luiz Carlos Bresser-Pereira

Folha de S. Paulo, 11.08.1981

O pedido de demissão do general Golbery só pode ser considerado uma ameaça ao processo de redemocratização do País na medida em que é um sinal da profunda crise, não apenas econômica, mas também política em que se vê hoje imerso o governo.

Muitos intérpretes da situação política brasileira, inclusive membros da oposição, viram nessa demissão um grave risco à redemocratização do País na medida em que o general Golbery seria o “o artífice da abertura”, ou mesmo “o representante da ala liberal dentro do governo”. Na realidade, ao conduzir o processo de abertura, o general Golbery do Couto e Silva não vinha fazendo outra coisa senão procurar, da forma mais inteligente possível, retardar o processo de redemocratização do País e manter o poder nas mãos do mesmo grupo responsável pelo fechamento político brasileiro a partir de 1964.

De fato o general Golbery, além de conservador, é e sempre foi um político autoritário. Não foi por acaso que ele foi um dos principais conspiradores do Movimento de 1964, que instaurou no País uma ditadura que durou quase 16 anos. Também não foi um acidente que o transformou em um dos principais ideólogos desse regime autoritário e desse Estado capitalista-tecnoburocrático, ao ter uma participação fundamental na formulação da “doutrina da segurança nacional”. Por outro lado, é muito provável que foram apenas motivos de relacionamento pessoal que determinavam seu afastamento do governo no período mais negro da ditadura, entre 1967 e 1973.

Em seu retorno ele, de fato, se transformou no principal artífice da “abertura”. Mas é preciso distinguir com clareza abertura de redemocratização. Abertura é algo dado, controlado. Redemocratização é o processo real, através do qual a sociedade reconquista sua liberdade.

A abertura do general Golbery foi apenas uma estratégia para adiar e controlar a redemocratização. De acordo com a classificação proposta pelo cientista político canadense Philippe Faucher, o general Golbery é um militar-político, não um militar-

administrador. Ele percebe que a sociedade é algo diferente da corporação militar. Não pode ser dirigida segundo padrões hierárquicos rígidos. Os militares não são todopoderosos e a sociedade civil tem que ser ouvida. Por isso, apesar de sua perspectiva autoritária, ele, depois de ter fracassado em impedir a posse de João Goulart em 1961, declarou que “só tentaremos derrubar Goulart quando a opinião pública estiver claramente a nosso favor”. Da mesma forma, quando decidiu trabalhar a favor de uma abertura controlada, ele estava admitindo (veja-se sua conferência na Escola Superior de Guerra, em 1980) que esta era a única maneira para que o sistema, do qual ele fazia parte, conservasse o poder.

Só será possível atribuir a redemocratização já ocorrida no País principalmente à estratégia política do general Golbery, se aceitarmos a tese palaciana de que a redemocratização foi uma concessão do governo. Na verdade, a abertura vem sendo uma mera resposta às exigências da sociedade civil.

Nada indica que o general Golbery tenha renunciado porque perdeu a batalha para os “duros”. Esta é novamente uma explicação muito parcial da realidade. Inclusive porque ele também era um “duro”, um autoritário, embora um autoritário inteligente. Na verdade ele estava sendo desautorizado, desprestigiado, porque o governo, em plena crise, não sabe que rumo tomar. Nesse processo o general Golbery perdeu diversas batalhas. Em algumas ele estaria a favor da democracia: foi talvez o caso do Riocentro e mais provavelmente o da escolha dos novos comandantes. Mas em outras, ele estava exatamente do outro lado: foi o caso da reforma eleitoral, que ele queria muito mais casuística.

Entretanto, se não há razão para que os democratas estejam de luto pela saída do general Golbery, há motivos de sobra para preocupações. Os militares-administradores afastaram um militar-político-e agora, possivelmente, tentarão o fechamento. Mas, como nada têm a oferecer à sociedade civil em termos de soluções para os problemas econômicos ou políticos, as suas possibilidades de êxito são mínimas. Inclusive porque o militar-administrador é por definição politicamente incompetente.

De qualquer forma, esperam-nos alguns momentos de turbulência. A crise de legitimidade do governo é tão profunda e sua paralisação política tão estrutural, que o General Golbery decidiu abandonar o barco antes de que ele afundasse. Esperemos que

ele afunde tranqüilamente, democraticamente, através das eleições de 1982 e 1984, e não através de traumatismos que não aproveitarão a ninguém.(11/08)